



RESSIGNIFICAÇÃO DA MORTE: uma reflexão sociológica sobre o filme “A Partida”

Árife Amaral MELO¹

Resumo

Este artigo pretende analisar a relação entre o processo de ressignificação da morte e os mecanismos envolvendo as atividades funerárias, nas quais se percebem hoje muito mais o seu caráter utilitário do que sacral, tendo como escopo a mercantilização desses serviços e a valorização dos aspectos técnicos realizados por terceiros. Para isso, será utilizado como parâmetro o filme japonês *A Partida*, vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro de 2009, que conta a trajetória do personagem Daigo, um *nokanshi*, uma atividade profissional muito semelhante à tanatopraxia no Brasil.

Palavras-chave: Morte. Tanatopraxia, Ressignificação.

RE-SIGNIFICATION OF DEATH: a sociological reflection about the movie “Departures”

Abstract

This article would like to examine the relationship between re-signification process of death and mechanisms involving the funeral activities that nowadays they realize more in an utilitarian way than in a sacral way, with scope of commodification of these services and the enhancement of technical performed by third parties. However, it will be used as a parameter the Japanese film, *Departures*, Best Foreign Film Oscar winner of 2009 that tell us the story of the character Daigo, a *nokanshi*, that is a professional activity very similar to the tanatopraxy in Brazil.

Keywords: Death. Thanatopraxy. Re-signification.

¹ Mestre em Ciências sociais. Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) Campus Jacarezinho. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Campus de Marília. Membro do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica: racionalidade comunicativa e reconhecimento social (CNPQ) e do Grupo de Estudos de Cultura, Linguagens e suas Tecnologias – GECLIT (CNPQ). E-mail: arifeam@gmail.com

INTRODUÇÃO

A morte e o cadáver são elementos da vida cotidiana. Por essa razão, é importante examinar de que maneira a finitude da vida causa impacto na sociedade dos vivos, bem como suas repercussões. Nesse sentido, devem-se considerar alguns exemplos no que se refere a esse evento (a morte), bem como compreender que existe sobre ele um processo de ressignificação em curso. Tal processo atinge práticas que demonstram uma possível mercantilização, evidenciando algumas perspectivas sociológicas, principalmente no que se refere aos mecanismos racionais e afetivos que influenciam não somente os aspectos religiosos mas também socioeconômicos relativos à morte e ao corpo.

Compreendendo *a priori* que os agentes sociais na trajetória de suas vidas transmitem uma herança social, essa mesma herança, via de regra, impõe aos seus sucessores uma *perpetuação*, mesmo que ela se desenvolva com novas características, nesse caso ressignificada material e/ou abstratamente. A vida social, dotada de sentido, se faz não somente quando o indivíduo em sociedade expressa seus valores, mas, sobretudo quando outros o realizam. O mesmo pode-se dizer com relação à morte: a mentalidade e a conduta podem ser analisadas não só após o momento derradeiro ou ao tratamento dado ao morto, mas principalmente na mensagem deixada pelos vivos, conforme se nota nas formas de expressão funerária, como no caso aqui analisado, as atividades profissionais em torno da morte e do cadáver.

Para delimitar o campo dessa reflexão, é importante elencar sociologicamente os aspectos que envolvem as ações em torno do que se fazer com os corpos, que implicam destinos a serem dados ao cadáver (sepultar, cremar, embalsamar, etc.) compondo elementos iminentes no processo de socialização. Considerando essas atividades como maneiras *macabras* de sociabilidade, entende-se que o rito funerário possui uma carga simbólica importante para que o vivo possa suportar a perda: homenagear aqueles que se foram para eternizá-los, desenvolvendo uma memória afetiva que projete aos vivos as virtudes ou grandezas dos que se foram, demonstrando uma motivação de caráter valorativo sobre a história de si e daqueles que possuem algum grau de proximidade com seus mortos.

O ato de lamentação e saudade está intimamente vinculado às nuances de lidar com o cadáver e lhe prestar homenagem, mas de certa forma, implica a prática de um ritual reflexivo que remete ao momento histórico e social dos grupos envolvidos, deixando como legado uma preponderância de visão de mundo que pode ficar cristalizada em um túmulo, mausoléu, urna

cinerária² ou obra picto-crematória³. Isso ocorre porque a forma como esses elementos são dispostos e dotados de algum simbolismo é dinâmica, e a influência de uma sociedade que expressa seus valores é refletida na maneira como os vivos tratam seus mortos, ou seja, o cadáver é desintegrado e não mais visível, mas seus valores em vida, bem como os de seus familiares e/ou do grupo ao qual pertenceu poderão ser eternizados pelo tipo de atividade empregada na construção de seu memorial mortuário.

Considerando que as formas de preservação da memória dos mortos é um elemento marcante de expressão cultural, existe então uma perspectiva de reconhecimento social projetado ao futuro, numa dimensão íntima, mas que visa notoriedade e admiração de outros (os vivos). Dado esse cenário, cria-se uma situação na qual os mortos permanecem vivos na memória, porém num espaço determinado e significado pelos viventes. O aspecto intangível do corpo daquele que se foi permanece, mas deveria *a priori* deixar sinais tangíveis no ato de ser honrado e purificado, bem como conduzido a um local e instalações apropriadas.

Ideologicamente reproduzida pelo senso comum, a morte é vista como o mais “democrático” dos eventos da vida humana, pois comumente acredita-se que ela não faz nenhuma distinção (social, econômica, política, etc.) para tirar os vivos do convívio com os seus pares. Contudo, apesar da eloquência da afirmação, essa ideia se limita somente ao aspecto biológico do fim da vida, pois ao lidar com a morte os vivos deixam, quer seja intencional ou desinteressadamente, evidenciadas as diferenças sociais. Ter acesso a determinados *bens mortuários ou funerários* denota que as mesmas discrepâncias encontradas na vida são também encontradas na morte. Por essa razão, o velório, o enterro ou a cremação, bem como o túmulo, a obra picto-crematória ou a urna cinerária não se configuram tão somente como um cultivo da memória dos antepassados, mas também uma forma de expressão dos que vivem e projetam suas aspirações e concepções de mundo através da composição desses diversos tipos de memoriais.

Apesar de serem elementos sacralizados e imateriais, os aspectos extrarreligiosos, de certa maneira lhe conferem uma razão de ser, já que apesar do sofrimento da perda e a busca pela dignidade dos corpos dos entes que se foram ser uma questão típica de um *ethos* religioso, os fatores materiais também exercem influência sobre as ações fúnebres. Segundo Weber (1974, p. 310), “É claro que o modo de vida determinado religiosamente é, em si, profundamente influenciado

² Recipiente no qual se depositam as cinzas do cadáver após a cremação.

³ A arte picto-crematória é um processo no qual um artista plástico mistura as cinzas do corpo cremado ao material utilizado para sua obra, de acordo com a encomenda feita pelo morto ainda em vida ou pelos seus entes após a cremação.

pelos fatores econômicos e políticos que operam dentro de determinados limites geográficos, políticos, sociais e nacionais”. Dessa forma, esses mecanismos de cultivo à memória não são meros catalisadores religiosos de contemplação e luto, pois ali se localizam expressões de identidade e cultura que denotam a influência das transformações da sociedade, no qual o processo de secularização, racionalização e de apropriação dos mecanismos econômicos ressignificam a morte.

Partindo da apropriação e da reprodução de um sistema vigente em torno da morte e da sua constituição, gera-se uma mudança naquele sentido sacral para uma situação na qual o luto e a memória são cada vez mais passíveis de movimentar uma logística e um mercado. Nesse sentido, o trato dado aos mortos possibilita o surgimento de profissionais especializados na tarefa de proporcionar aos cadáveres os devidos cuidados, tanto no que se refere à sua composição durante o velório quanto ao fim que será dado ao corpo. A saída do necrotério até a inscrição do epitáfio envolve uma gama de indivíduos que fazem da atividade voltada aos mortos uma profissão, e da morte um meio de vida, pois estes profissionais isentam amigos e parentes, antes responsáveis por todo esse trabalho, para se dedicarem exclusivamente à dor da perda e às homenagens devidas aos que partiram. Para que isso ocorra, processos são desenvolvidos a tal ponto que sua influência pode ser percebida tanto nas técnicas empregadas na lide com os mortos, bem como no local onde estes serão depositados, numa significação que permite observar criticamente a constituição dos espaços fúnebres.

“A PARTIDA”: REFLEXÕES SOBRE VIDA E MORTE.

Para exemplificar as questões em torno da ressignificação da morte, pode-se tomar como reflexão a obra cinematográfica *Okuribito*, intitulado como “A partida” no Brasil, que foi premiado com o Oscar de melhor filme estrangeiro em 2009. O filme conta a trajetória do personagem Daigo, que de músico violoncelista passa a exercer a atividade de *nokanshi*, que na sociedade ocidental seria o equivalente à atividade profissional do tanatopraxista⁴.

O personagem, desempregado por ter sua orquestra dissolvida, decide voltar com sua esposa para o interior do Japão para morar na casa que recebeu de herança de sua mãe já falecida. Procurando por emprego em classificados de jornais, encontra um anúncio de uma agência cujo lema seria “ajudamos a partir”. Daigo vai em busca do emprego e se depara com uma agência

⁴ O tanatopraxista é o profissional especializado em oferecer serviços que “embelezam” o cadáver, no intuito de torná-lo apresentável para o funeral.

funerária, que presta os serviços de *nokanshi*. A princípio, se vê relutante em aceitar o emprego, devido aos preconceitos em torno daqueles que lidam com cadáveres. No entanto, como incentivo para trabalhar imediatamente, já recebe uma boa quantidade de dinheiro só por aceitar o trabalho. No início, sofre muito com os aspectos práticos da profissão, mas aos poucos se habitua e começa a perceber na atividade que o trato com a morte é necessário e torná-lo digno é uma forma de suavizar o impacto traumatizante que a morte exerce sobre os vivos. Em suma: existe um processo de ressignificação da morte não somente para os que se despedem, mas também para quem exerce a profissão de *nokanshi*.

É importante ressaltar nesse ponto que as atividades de *nokanshi* e de tanatopraxista são semelhantes em caráter geral, mas possuem algumas diferenças fundamentais do ponto de vista sociológico: o *nokanshi* prepara o corpo assim como um tanatopraxista, porém existe um aspecto ritual na sua execução extremamente relevante: o processo de tratamento e embelezamento do cadáver é feito às vistas da família, como sinal de trazer aos entes do falecido uma dignidade no trato com a morte e no processo de luto. Não é o caso da atividade de tanatopraxista: o processo de tratamento do cadáver é realizado completamente alheio aos olhares dos entes do morto, realizado em ambiente destinado a esse fim e só após todo o trabalho realizado, já no velório, a família tem contato com o cadáver preparado. Enquanto a atividade do personagem envolve aspectos simbólicos que incidem sobre a profissão, o tanatopraxista enfoca seu trabalho nos aspectos técnicos.

A *tecnicidade* em torno da maneira como se lida com o cadáver carrega em seu bojo um processo no qual os aspectos racionais estão presentes e amalgamados com aspectos afetivos da morte, pois o serviço oferecido não se resume à mera atividade profissional daquele que pretende fazer do cadáver algo apresentável; é poupar os familiares e amigos de terem que, no momento da dor, lidar com o cadáver diretamente, delegando assim, essa tarefa a terceiros, consolidando um aspecto da mercantilização da morte.

Mercantilizada, essa atividade inevitavelmente se desenvolve nesse processo pelas diversas maneiras de demonstração de *status* e diferenciação social de viés simbólico, haja vista que esse tipo de serviço não é (ainda) popularizado, ficando restrito a quem possa arcar financeiramente com essas despesas - quer sejam previamente estabelecidas pelo morto ainda em vida, ou pelos familiares e amigos que se dispuserem a custear tal homenagem, movimentando um mercado específico e ascendente. Isso pode ser observado no filme, pois a atividade de *nokanshi* de Daigo é

muito bem remunerada, tendo em vista o público que atende, capaz de pagar pelos serviços da empresa na qual trabalha.

Também vale salientar que as atividades voltadas para esse fim dão um caráter *personalizado* ao luto, não somente pela tanatopraxia, mas também pelos serviços que rodeiam o velório e seu cotidiano, individualmente preparados e voltados a um público específico. Segundo Araújo (2012), uma morte personalizada e luxuosa tem por princípio algo de ostentação:

Personalizar significa representar a pessoa de alguém. No mercado da morte significa tornar pessoal e dar caráter pessoal ao serviço fúnebre oferecido. A justificativa do setor funerário é que diante de um mercado tão competitivo, houve a necessidade de um novo “conceito de atendimento humanizado”, voltado ao cliente. As funerárias procuram oferecer cerimônias cada vez mais luxuosas, com música, coquetel e tiram da família a responsabilidade organizativa de um cerimonial. Poderíamos chamar de “mercado da morte da classe A”. A ideia é tratar o morto como se vivo ele estivesse. (p. 347).

Demonstrar aos vivos determinada mensagem a partir das práticas relacionadas ao trato com o morto é uma atitude valorativa, simbólica e legitimante. A ordem social estabelecida interfere diretamente na maneira como os vivos tratam os seus mortos e isso ocorre fortemente no âmbito religioso: a relação entre a religião e a legitimação se dá no que se refere à utilização dos preceitos religiosos como forma ampla de delimitar os aspectos sacrais dos não sacrais. Dessa maneira é estruturado o túmulo ou qualquer outro tipo de memorial, no qual o rito fúnebre seria o fator demonstrativo da morte do ponto de vista religioso. Porém, a relação entre o sacro e o profano é mais íntima do que aparenta, pois, concomitante a isso também há a construção de um aparato material que reflete os valores sociais, morais e simbólicos daqueles que ali cultuam sua memória. Um memorial encomendado pelos seus não exhibe somente a superação da morte, mas também, a capacidade de demonstrar sua presença no decorrer dos tempos. Segundo Berger (1985)

[...]A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida como a realidade última, universal e sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem assim, a aparência de definitiva segurança e permanência (p. 48-49).

Nesse contexto, o trabalho de Daigo está inserido numa sociedade culturalmente distinta da brasileira, mas ainda assim apresenta algumas verossimilhanças. Até a segunda metade do século XX, particularmente no Brasil, a morte ainda se apresentava como um evento intimista, dada a relação de proximidade entre vivos e mortos num espaço muito próximo, haja vista que não raro o velório e o enterro eram realizados em locais hoje considerados impróprios, como o no

interior da própria casa ou o enterro realizado nos fundos da sede de uma fazenda. Vale salientar que a prática da cremação apesar de já existir ainda não era popular nesse período, devido à forte influência católica que destina especial atenção à inumação como destino a ser dado aos mortos. No entanto, a inumação comumente era realizada sem nenhum rigor técnico. No caso brasileiro, Freyre (2005) observa os questionamentos sobre a viabilidade da inumação próxima à casa dos grandes fazendeiros, pois eram

[...] capelas que eram verdadeiras puxadas da habitação patriarcal. Os mortos ficavam na companhia dos vivos: até que os higienistas já no segundo Império, começaram perguntar: “até quando persistirá a triste prerrogativa dos mortos envenenarem a vida dos vivos?” (p. 526).

A tese higienista pode ser considerada um dos pontos iniciais do processo de ressignificação da morte, haja vista que a preocupação não se dá mais referente ao aspecto místico do corpo, mas sim ao físico: corpos mal depositados podem ser prejudiciais à saúde. Nesse ponto, pode-se utilizar o mesmo raciocínio para a atividade profissional da tanatopraxia, já que esses profissionais possuem formação e equipamento apropriado para exercer sua atividade, incluindo, nesse processo, uma outra perspectiva interessante sobre o cadáver que é o da sua objetificação, no qual o cadáver perde seu aspecto de pessoa falecida para o aspecto de objeto a ser trabalhado. Isso ocorre, por exemplo, quando se identifica na sociedade japonesa na qual o personagem Daigo está inserido, e também na sociedade ocidental, o *tabu* que existe sobre trabalhar com cadáveres. O personagem enfrenta momentos de preconceito e exclusão, pois é tratado como um trabalhador “sujo”, tanto no sentido higiênico quanto moral. Mas isso ocorre somente entre aqueles que não passaram pelo crivo da experiência da morte, ao passo que, quando se deparam com o trabalho digno e nobre de Daigo, modificam sua opinião. Nota-se nessa situação que nas sociedades modernas atuais existe um *afastamento* dos vivos em relação aos mortos, pelo menos no que se refere ao seu aspecto mais concreto, ou seja, o tratamento dado aos mortos desde o falecimento até a inumação. Esse contexto traz à tona mais um elemento vinculado a esse processo de ressignificação da morte: o mercado, que se apropria desse afastamento para desenvolver suas atividades lucrativas. Nesse sentido, a negação da morte é o ponto de partida para o desenvolvimento desses serviços, haja vista que o ato interdito de morrer (desconsiderar o ato de morrer ou protelá-lo o máximo possível) leva os enlutados a não desejá-la, entregando a terceiros a dor que tal evento implica, qual seja, tocar, manipular, transportar e dar fim ao corpo, quer seja cremando ou inumando. Segundo Ariés (1975)

De acordo com as análises precedentes, seríamos tentados a admitir que o interdito que hoje afeta a morte é uma característica estrutural da civilização contemporânea. O afastamento da morte do discurso e dos meios familiares de comunicação pertenceria, como a prioridade do bem estar e do consumo, ao modelo das sociedades industriais (p. 163).

Contudo, essa situação entra em cheque no momento final do filme, no qual Daigo realizará todo o procedimento *nokanshi* no cadáver de seu próprio pai, com quem não mantinha relações desde criança. Naquele momento, não era apenas mais um cadáver, mas sim o de alguém que pertenceu à sua história, que exigiu do personagem toda uma carga emocional durante a execução da atividade. Interessante notar a situação conflitante na qual o *nokanshi* utiliza-se de sua técnica racionalmente constituída para dar dignidade ao corpo de alguém que remete a ele algum tipo de sentimento de pertença, ou seja, a “morte interdita” impõe ao personagem a superação desse afastamento, haja vista que os profissionais funerários que se prontificam a cuidar do cadáver são dispensados pelo protagonista, que decide voluntariamente prestar esse último trabalho ao pai, aplicando a si mesmo a condição racional que até então destinava apenas a quem contratasse seus serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visível na sociedade contemporânea que a influência de elementos sociais e econômicos interferem diretamente na composição de um imaginário *a priori*, mas não necessariamente chegam a transformá-lo em outra instância que não seja ligada aos valores desenvolvidos em tempos anteriores. Conclui-se que a morte ainda significa para a sociedade um momento de dor, reflexão e questionamento sobre os aspectos imateriais do que há depois do momento derradeiro. Contudo, apesar de sua essência se manter, aparentemente tudo o que há de acessório em torno da morte foi assimilado pelas transformações da sociedade moderna e ressignificado por ela. Nesse contexto, há um fato novo talvez ainda não explorado suficientemente pelas ciências sociais: a memória coletiva antes cristalizada nas lápides dos túmulos ou nas urnas cinerárias, torna-se cada vez mais diluída pela busca formal e pragmática de se dar destino aos corpos sem vida, repassando essa responsabilidade a estranhos, como o caso do personagem Daigo. Essa lógica da frieza e do afastamento dos vivos em relação aos mortos poderia ser reflexo da reprodução do afastamento social entre a elite e o povo simples, que não é característica oriunda da modernidade, mas apenas sob nova representação. Os túmulos suntuosos, os cemitérios particulares, a personalização da

cremação e a venda dos serviços de tanatopraxia evidenciam essa divisão social, prismada no afastamento dos entes mais próximos, que desejam cada vez mais apartar-se de seus cadáveres.

A racionalidade instrumental típica do capitalismo, como forma de controle da ordem social reforça tal situação, pois enfraquece as expressões mais autênticas da relação do homem com a vida e a morte, valorizando em seu lugar o cálculo e a relação custo/benefício em detrimento do sentimento intimista que é o luto. Nisso, a racionalização do mundo material (Estado e/ou mercado) se move sobre o cotidiano, ofuscando valores antigos em prol do reforço de uma ideologia predominantemente individualista e superficial, fazendo com que os novos modelos e produtos vinculados à morte também o sejam. Daigo traz consigo pelo menos, o caráter afetivo do ritual de tratamento aos mortos diante da família enlutada. No entanto, em termos de sociedade ocidental, o resultado final do trabalho é mais importante que os meios empregados para esse fim.

FICHA TÉCNICA

A partida (Okuribito). Japão, 2008. 131 min. Dirigido por Yojiro Takita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. *Revista Habitus*. Goiânia, v. 10, n.2, p. 341-353, jul./dez. 2012.

ARIÉS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Ed. Teorema, Lisboa 1975.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Ed. Global, 2005.

WEBER, Max. Burocracia. In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1974.

Recebido em: 06 de jul. 2016.

Aceito em: 14 de nov. 2016.